

## **Prisioneiros do medo: A violência e seus indícios na arte e arquitetura contemporâneas.**

*Hiáscara Alves Pereira\**

### **Resumo**

A proposta deste ensaio é discutir a respeito da violência urbana no âmbito da arte e das cidades contemporâneas. Este estudo tem como base os pressupostos das ciências sociais. A reflexão está dividida em duas fases: por um lado, busca-se apontar como o medo da violência mudou os hábitos da população e descaracterizou a arquitetura e, por outro, objetiva-se apontar alguns trabalhos de artistas contemporâneos que denunciam os mecanismos de aprisionamento do corpo e a questão da violência. A finalidade não é esgotar o assunto, mas somente levantar reflexões acerca do medo que parece ter se instalado no imaginário da sociedade.

**Palavras-Chave:** Violência; Medo; Arte contemporânea; Arquitetura.

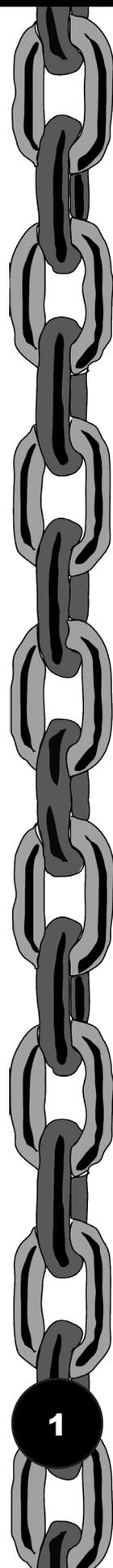
## **Prisoners of fears: Violence and its evidences in contemporary arts and architecture.**

### **Abstract**

The aim of this essay is to discuss urban violence concerning arts and contemporary cities. This study is based on social science assumptions. The discussion is divided into two parts. On the one hand, it tries to show how the fear of violence has changed people's habits and how it deprives architecture of its own characteristics. But on the other hand, it also makes reference to the works of some contemporary artists who reveal the mechanisms of body trapping and the issue of violence. The purpose of this study is not to discuss the subject thoroughly but to give reflections on the fear that seems to have been spread in the society.

**Keywords:** Violence; Fear; Contemporary Art; Architecture.

\* Bacharel em Artes plásticas e mestranda em artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista CAPES / hiascara@click21.com.br.



## Introdução

Nenhuma paixão despoja tão completamente o espírito de toda a sua faculdade de agir e de raciocinar quanto o medo. Pois este, sendo um pressentimento de dor ou de morte, atua de maneira semelhante à dor real. (BURKE, 1993. p. 65).

Na história da humanidade a violência sempre esteve presente, de uma forma ou de outra, com maior ou menor intensidade, no curso das contínuas civilizações. Na contemporaneidade, não é diferente, as cidades são cenário da chamada violência urbana. Tal fenômeno, associado ao medo, combina processos de mudanças que alteram a arquitetura e ampliam as zonas de segregação dentro da própria urbe, onde seus habitantes buscam proteger-se contra um inimigo real ou fictício, criando verdadeiras prisões as quais a arte vem discutir em seus vários desdobramentos estéticos.

Tornou-se senso comum, associar a origem dos crimes às periferias e às classes menos favorecidas. Mas, o fato é que “as cidades se transformaram em depósitos de problemas causados pela globalização” (BAUMAN, 2009, p.32). Consequente, a desigualdade social e o aumento da criminalidade são alguns desses transtornos “globais”, entretanto é o medo da violência que afeta os hábitos da população e a forma de se ocupar o espaço urbano.

Carros blindados, muros, grades, cercas eletrificadas, câmeras, entre outros artificios, são símbolos da insegurança coletiva. Essas estratégias podem ser identificados tanto nas zonas mais ricas quanto nas mais pobres das cidades, ocorrem tanto no âmbito nacional quanto no internacional.

Sabe-se que o medo é um sentimento ligado à preservação da vida, ele serve de alerta diante de situações de perigo. Contudo, esse perigo pode ser às vezes real ou irreal, é o que afirma a pesquisadora Luzia Fátima Baiarl, em seu estudo sobre o medo socialmente construído. Segundo ela é a “possibilidade, imaginada como real, concreta, advinda de uma sensação de insegurança, que gera o medo imaginário, o qual conduz as pessoas a alterarem significativamente seus ritmos e a dinâmica da vida cotidiana [...] (BAIERL, 2009, p.197).

Nesse sentido, a mídia como formadora de opinião contribui para a construção desse imaginário, visto que os índices reais de crimes urbanos agravam-se devido à forma como são noticiados, repetidos, banalizados e veiculados pelos meios de comunicação. De maneira que o indivíduo “motivado por situações reais conhecidas, principalmente através da mídia ou pela fala cotidiana do crime,

independente da possibilidade concreta de ele vir a acontecer” se sinta desprotegido e atemorizado (BAIERL, 2009, p.196).

Assim, a cultura do medo impõe a sua ordem: todos os cidadãos são suspeitos. Propaga-se a ideia de que o perigo pode estar em qualquer lugar. Desse modo, na busca de alívio para suas angústias os cidadãos recorrem aos “espaços vedados”<sup>1</sup> – condomínios fechados, casas muradas, gradeadas, alarmes, ambientes protegidos por serviço de vigilância privada e outros sistemas de segurança – a fim de sentirem-se protegidos e longe dos riscos que a vida urbana oferece.

Esses “espaços vedados” promovem o isolamento dos grupos sociais, criando ambientes homogêneos, onde somente são aceitos os que pertencem aquele conjunto. São zonas de segregação, onde se exclui os que não fazem parte daquela uniformidade. As construtoras contribuem com tal situação, ao colocarem o componente segurança como propaganda para atrair os compradores de imóveis, que por sua vez exigem sistemas de proteção ultramodernos.

Em sua análise das cidades globalizadas, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman observou como a arquitetura urbana tornou-se reflexo do medo e da insegurança. Para o estudioso, provavelmente, o impulso para criação de ambientes homogêneos e territorialmente isolados, tenha sua origem na “mixofobia” (BAUMAN, 2009, p.46). Um conceito que designa o medo de misturar-se com estranhos e desconhecidos. Isso ocorreria porque foram desfeitos os vínculos comunitários e a relação com o seu entorno.

Ante essas circunstâncias, os indivíduos sociais perdem habilidades imprescindíveis para se confiar naqueles que os rodeiam e conviver com a diferença. Partindo desse ponto de vista, os “espaços vedados” presentes na paisagem urbana apontariam para o desmantelamento da vida comunitária, porquanto são criados com o intuito de segregar e excluir, ao invés de estabelecerem ligações entre os habitantes da cidade ou lhes oferecerem locais agradáveis de convívio.

Eis o paradoxo, porque quanto menos se confia no outro, mais cresce a obsessão pela segurança do ambiente e, conseqüentemente, a segregação territorial, seguida da exclusão social. Logo, os cidadãos constroem enclaves domiciliares e isolados da vivência na cidade; perpetuando o individualismo como principal característica das sociedades da era globalizada.

---

<sup>1</sup> Espaços vedados é um termo cunhado pelo arquiteto Steven Flust, o qual se refere a espaços urbanos cujas pessoas são desencorajadas a ficarem por perto ou são impedidas de entrar.



### Aprisionados pelo medo

A visão das cidades contemporâneas com seus enclaves, em muito lembram as prisões de segurança máxima e as fortificações medievais. Essa é uma das conclusões da pesquisa “Arquitetura da violência” coordenada pela professora Sônia Ferraz, do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal Fluminense - UFF - e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ.

Ferraz e sua equipe fotografaram aproximadamente mil residências e edifícios situados nos bairros nobres do Rio de Janeiro (Ipanema, Lagoa, Jardim Botânico, Leblon, Niterói e Barra da Tijuca) e São Paulo (Moema, Jardins, Morumbi e Alto da Boa Vista). De acordo com a coordenadora do projeto: “Estamos diante de uma arquitetura que explicita o medo da violência. É crescente o número de elementos medievais e carcerários presentes nas habitações” (apud ARRUDA, *Folha online*, 2003).

O grupo constatou que a arquitetura das regiões analisadas passa por um processo de transição, denominado por eles de “medievalização”, em função da recuperação de sistemas de defesas originados na Idade Média, como muralhas, seteiras, fossos, trincheiras e paliçadas, que são incorporados às construções residenciais. O condomínio Summer Dream localizado na Barra da Tijuca (Rio de Janeiro), por exemplo, seria uma versão moderna de um castelo medieval, cercado por um muro e separado por um fosso, sua única entrada é uma pequena ponte com dupla cancela, observa a pesquisadora. (FAPERJ, 2002).

Essas características não são exclusivas das metrópoles brasileiras. Bauman, igualmente, havia notado que os estratagemas de segurança dos espaços vedados são equivalentes modernos dos artificios de defesa das cidades antigas. O sociólogo ao ilustrar essa tendência, cita um condomínio Californiano (Estados Unidos) chamado Desert Island, cuja área é circundada por um fosso de dez hectares.

A diferença pode-se dizer é que nas cidades medievais construíam-se fortificações (castelos) para que no caso de um ataque inimigo, os habitantes da região pudessem se abrigar em seu interior. Pensava-se coletivamente. Hoje, constroem-se verdadeiras fortalezas para segregar, excluir e principalmente se resguardar das diferenças, do outro, do cidadão da própria comunidade. Pensa-se individualmente.



Figura 1- Grades com ponteiros inclinadas para o lado externo do gradil que lembram as paliçadas de madeira usadas na idade média para proteger os castelos e/ou as cidades.

Tais indícios mostram o quanto os indivíduos - na tentativa de se protegerem - são prisioneiros de si mesmo e vítimas da própria exclusão. Essa afirmação pode ser constatada, observando-se como estão explícitos nas construções atuais e nas que estão surgindo, os elementos medievais e carcerários descritos por Sônia Ferraz.

### Arte como denúncia

A insegurança e o medo produzem inquietações na sociedade que conscientemente apreendidas ou não, alteram o estilo de vida dos indivíduos. Nesse sentido, alguns artistas captam essas alterações e lhes dão forma, uma vez que a arte contemporânea busca refletir sobre os principais problemas da atualidade.

É o caso do artista baiano André Gardenberg que faz uma abordagem sobre como a violência modificou a arquitetura brasileira, regulada pelo medo e pela insegurança. Ele expõe em “Arquitetura do Medo”<sup>2</sup> uma série de oitenta fotografias coloridas produzidas em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, entre 2005 e 2007, onde retrata pessoas, animais e objetos atrás de grades, cercas, muros e outros elementos de proteção vinculados às edificações.

<sup>2</sup> *Arquitetura do Medo* é uma mostra itinerante, já esteve no Centro Cultural dos Correios do Rio de Janeiro, na Pinacoteca de São Paulo, no SESC de Campinas e no Museu de Arte Moderna da Bahia.

Voltando aos pesquisadores da Universidade Federal Fluminense, suas análises identificaram ainda nas edificações estudadas elementos similares à arquitetura dos presídios mais seguros do país, dando a impressão da cidade ter se tornado uma grande prisão urbana: “torres de vigia com sentinelas; grandes portões de ferro; portões de garagem duplos, como os das áreas administrativas de prisões; grades de janelas reticuladas como as de celas; muros altos; e grades na horizontal, iguais às dos solários de penitenciárias” (O Globo,

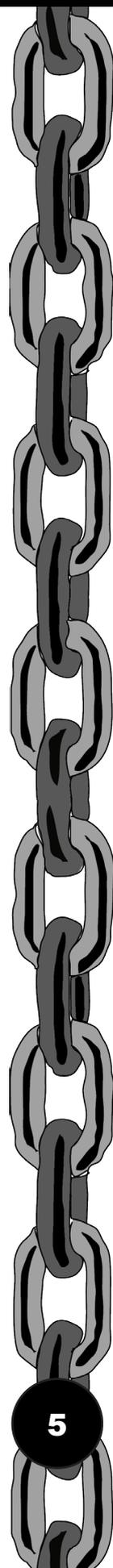




Figura 2- Crianças em janela com grades fotografadas por André Gardenberg.

Em entrevista ao Museu de Arte Moderna da Bahia, Gardenberg disse que seu trabalho tem um cunho de protesto “contra a violência, que, espetacularizada pela mídia, coloca o homem cheio de medos e paranóias, doente, com síndromes de pânico, tentando se proteger a qualquer custo” (GARDENBERG, 2009)<sup>3</sup>. Para o

artista, os artifícios usados para se obter

segurança (grades, cercas elétricas, muros...), acabam por tornar o homem refém do próprio medo ao invés de protegê-lo. Seus registros fotográficos demonstram cidadãos encarcerados em residências, shoppings, empresas e áreas públicas de lazer.

Nota-se que o discurso de Gadenberg é coerente com as observações de Bauman e Ferraz, pois cada um a sua maneira acredita que a cidade é a imagem da sociedade que a habita e não o contrário. Sendo assim, numa região onde predomina o temor da violência, tendenciosamente, isso tende a se revelar na arquitetura.

Outro artista engajado nessas questões é o alemão Gregor Schneider que cria ambientes capazes de suscitar nos visitantes sensações de medo e aprisionamento. Um de seus trabalhos mais célebres é a instalação *21 Beach Cells*, localizada na praia de *Bondi Beach* (Austrália). A obra é composta por 21 celas idênticas e interligadas, medindo 4m x 4m cada uma, construídas em material metálico e colocadas diretamente sobre a areia, todas contêm objetos, como colchão de ar, guarda-sol e saco de lixo.<sup>4</sup>



Figura 3- Cães atrás de muro com grades fotografados por André Gardenberg.

<sup>3</sup> O depoimento do artista pode se encontrado no site do Museu de Arte Moderna da Bahia. Disponível em: <<http://www.mam.ba.gov.br/?p=418>>.

<sup>4</sup> As informações sobre o trabalho de Gregor Schneider foram retiradas do site do próprio artista. Disponível em: <<http://gregorschneider.net/index2.html>>.

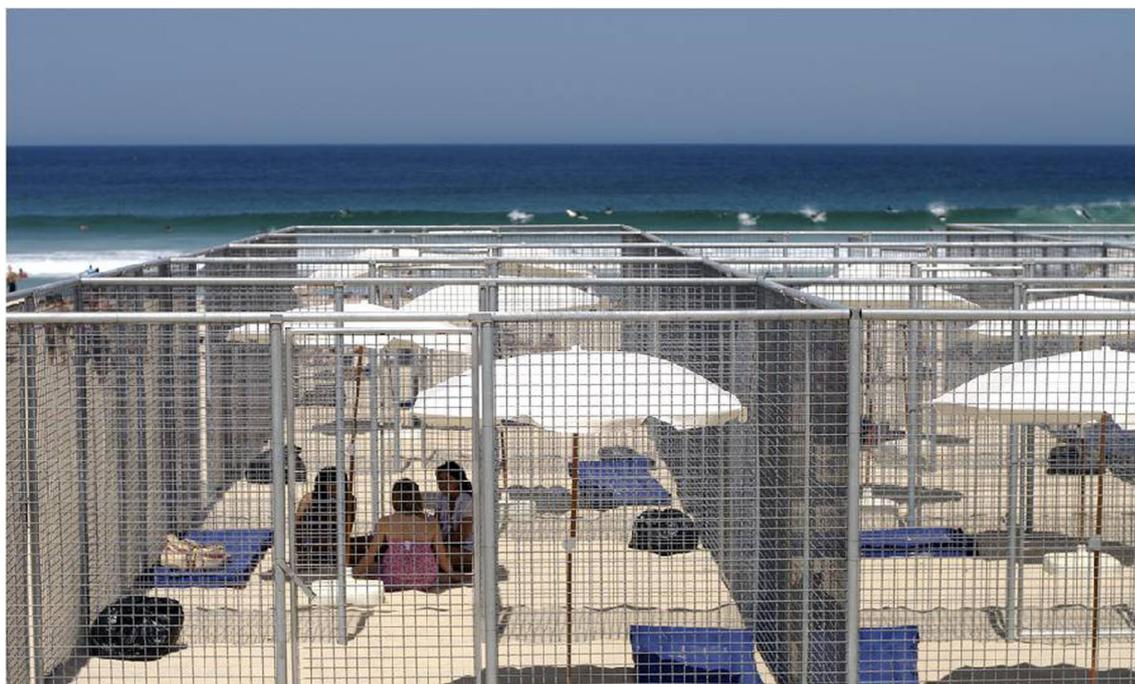


Figura 4 - Gregor Schneider, instalação 21 *beach cells*, 2007.

Essa instalação desfaz a noção de praia como um espaço aberto, seguro e descontraído. Na proposta de Schneider, cada cela funcionaria como um local de aprisionamento e, ao mesmo tempo, de proteção, se levado em consideração que a violência urbana não está afastada do litoral. Dentro da cela, o participante é convocado a refletir sobre as qualidades que o permitem significar esse ambiente natural como um local de lazer e liberdade, confrontando essa questão com a da criminalidade.

O corpo aprisionado pelo medo da violência, ainda é abordado na poética de Nazareth Pacheco. Partindo das ideias de tortura e aprisionamento, a artista criou um conjunto de objetos composto por algemas presas a blocos de acrílico, além de peças que remetem a época medieval ou da escravatura feitas para prenderem as mãos, os pés e o pescoço.

Nas palavras de Pacheco: “Vivemos oprimidos pela violência física e psíquica. Somos escravos deste sistema e nada fazemos para mudá-lo” (SILVA, 2002, p.71). Sua fala parece sintetizar as ações dos habitantes das cidades “globais” que reprimem, aprisionam, torturam o próprio corpo, à medida que constroem enclaves em torno deles próprios.



Figura 5 – Nazareth Pacheco, “Sem título”. Aço e acrílico. 2001.

A artista é conhecida, principalmente, por confeccionar objetos de arte a partir de instrumentos cortantes e perfurantes - lâminas de barbear, bisturis, agulhas, anzóis - contrapondo-os a outros extremamente sedutores - acrílicos, cristais, miçangas e vidrilhos. Esse confronto entre os materiais resulta em obras capazes de causar sensações ambíguas no espectador: atração *versus* repulsa. Uma vez que o olhar se torna cativo da beleza formal dessas obras, enquanto o tato hesita entre o desejo de tocá-las e o medo de se ferir.

Nesse momento, convém destacar que o medo é uma perturbação psicológica de caráter ambíguo, pois pode gerar prazer e/ou pavor. Isso depende das associações que a mente estabelece com o pensamento mediante situações de perigos reais ou imaginários. Os praticantes de esportes radicais demonstram que os sentimentos de medo e prazer podem estar ligados. A diferença entre esses atletas e aqueles que se escondem atrás mecanismos sofisticados de segurança, está na capacidade de superar os limites. O medo seria uma dessas fronteiras a ser ultrapassada porque estagna, paralisa, além de impedir novas experiências.

Na série “Espaços Construídos”, ironicamente, Nazareth Pacheco brinca com a questão do medo ao construir ambientes ameaçadores. Há o exemplo de um quarto delimitado por “paredes” de giletes

ostentando no seu interior uma cama de acrílico transparente. Ou então, provador, camarim e outros recintos cujas cortinas foram confeccionadas no mesmo material cortante para impor um limite entre o dentro e o fora.

Todos esses espaços têm um ponto em comum: não podem ser adentrados. As lâminas afiadíssimas barram a passagem do corpo, porquanto oferecem o perigo real de machucar aquele que ousar tocá-las. Dessa forma, os ambientes impenetráveis de Nazareth Pacheco não permitem a experimentação e a vivência tal como os “Penetráveis” de Hélio Oiticica admitiam. Diante dessa impossibilidade, o espectador fica imóvel e o tato recua, tal como ocorre com os espaços vedados, visto que ambos são lugares

isolados por mecanismos hostis que desencorajam os indivíduos de se aproximar ou adentrar em seu interior.



Figura 6 – Nazareth Pacheco, “Sem título”, 2003. Instalação de 15 m<sup>2</sup> pertencente à série “Espaços Construídos”. É uma instalação, cujas giletes impedem o espectador de interagir com a obra.

Figura 7 – Hélio Oiticica, Penetrável “A Invenção da Luz”, 1978. É um espaço em forma de labirinto no qual o espectador é convidado a entrar e vivenciá-lo.



Para discutir o convívio entre os indivíduos, a artista produziu duas cadeiras em acrílico cristal com assentos repletos de agulhas, as quais traziam separadamente a palavra “INCLUSÃO” gravada no encosto de uma delas e o termo “EXCLUSÃO” no encosto da outra, fazendo alusão à discriminação social.

Essa ambivalência – Inclusão *versus* Exclusão - registrada no trabalho da artista é bastante significativa para se pensar as contradições da vivência urbana. Uma vez que a cidade é o reflexo de seus habitantes, não o inverso. São seus moradores que constroem zonas de segregação, onde os homogêneos são acolhidos e os heterogêneos recusados. Nesse sentido, o comentário de Bauman é bastante elucidador:

Todos sabem que viver numa cidade é uma experiência ambivalente. Ela atrai e afasta; mas a situação do cidadão torna-se mais complexa porque são exatamente os mesmos aspectos da vida na cidade que atraem e, ao mesmo tempo ou alternadamente repelem. A desorientada variedade do ambiente urbano é fonte de medo, em especial entre aqueles de nós que perderam seus modos de vida habituais e foram jogados num estado de grave incerteza pelos processos desestabilizadores da globalização (BAUMAN, 2009, p. 46-47).

O sociólogo faz referência aos imigrantes e outros tipos que compõem o variado cenário urbano. Esses, na tentativa de encontrar melhores condições de vida, vão para as grandes cidades e não as encontrando, são expurgados e desprezados pelos “mixofóbicos”<sup>5</sup>. Quanto mais desenvolvida for uma cidade, maior será a possibilidade de que ela atraia cada vez mais pessoas. Na sua concepção, a propagação de espaços públicos abertos, convidativos e acolhedores, seriam uma estratégia contrária as áreas de segregação. Lugares onde todo tipo de cidadão pudesse frequentar e compartilhar suas experiências assiduamente.



Figura 8 - Nazareth Pacheco, *Inclusão*, 2007. Acrílico e agulhas. Cadeira tamanho padrão.

<sup>5</sup> Mixofóbicos são indivíduos que praticam a mixofobia, ou seja, que tem medo de relacionar-se com estranhos.



Figura 9 – Nazareth Pacheco, *Exclusão*, 2007. Acrílico e agulhas. Cadeira tamanho padrão.

Esse aforismo é adequado, visto que por medo os cidadãos isolam-se da vida comunitária, abandonando esses espaços deixando-os, muitas vezes, sujeitos a degradação e a ação da marginalidade. É preciso talvez criar formas arquitetônicas menos hostis e difundir ambientes públicos convidativos para resgatar a confiança entre os indivíduos, bem como promover a integração com o entorno. Em síntese, o imprescindível é resgatar o sentido do coletivo para se combater o individualismo contemporâneo nas sociedades globalizadas. Pois afinal, habitar numa cidade significa viver junto. E não isoladamente.

### Fonte das imagens

1. <http://br.monografias.com/trabalhos/arquitetura-violencia-cidades-contemporaneas/Image4335.jpg>
2. [http://d.i.uol.com.br/andre-gardenberg\\_330\\_div.jpg](http://d.i.uol.com.br/andre-gardenberg_330_div.jpg)
3. <http://fotocontemporanea.blogspot.com/2008/04/arquitetura-do-medo.html>
4. <http://art-passion.voila.net/im3/aschneider9.jpg>
5. [http://www.muvi.advant.com.br/artistas/n/nazareth\\_pacheco/2001/mini/9.jpg](http://www.muvi.advant.com.br/artistas/n/nazareth_pacheco/2001/mini/9.jpg)
6. Fotografia cedida pela artista.
7. <http://www.wishreport.com.br/painel/upload/620oiticica7sd4.jpg>
8. <http://www.murilocastro.com.br/images/work/thumbs/122/Nazareth>
9. <http://www.murilocastro.com.br/images/work/thumbs/122/exclusao.jpg>

### Referências Bibliográficas

BAIERL, Luzia Fátima. *Medo social: Da violência visível ao invisível da violência*. São Paulo: Cortez, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo*. São Paulo: Papirus, 1993.

SILVA, Nazareth Pacheco. *Objetos Sedutores*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Artes, Departamento de Artes, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

### Documentos on-line

Arquitetura do Medo. *Entrevista com André Gardenberg*. 22 set. 2009. Disponível em: <<http://www.mam.ba.gov.br/?p=418>>. Acesso em 11 mai. 2010.

Arquitetura da violência desenha o Rio. *O Globo*, 14 abr. 2002. Disponível em: <[http://www.uff.br/arqviol/textos\\_repercussoes/290802\\_OGlobo\\_O%20medo%20faz%20o%20habito.html](http://www.uff.br/arqviol/textos_repercussoes/290802_OGlobo_O%20medo%20faz%20o%20habito.html)>. Acesso em: 20 nov. 2009.

ARRUDA, Antonio. Arquitetura do medo isola cidadão e provoca fobia social. *Folha Online*, 01 mai. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u2335.shtml>>. Acesso em: 30 nov. 2009.

FAPERJ. Disponível em: <[http://www.faperj.br/boletim\\_interna.phtml?obj\\_id=223](http://www.faperj.br/boletim_interna.phtml?obj_id=223)>. Acesso em: 14 jan. 2010.

SCHNEIDER, Gregor. *L'architecture du desastre*. Disponível em: <<http://gregorschneider.net/index2.html>>. Acesso em: 12 mai. 2010.